

OS COMPOSITORES

02/11/1997

As Missas de Réquiem

Hoje, 2 de novembro, a Humanidade lembra e reverencia os seus mortos, e a esse preito de solidariedade e de amor não poderia ser estranha a música, principalmente no enorme repertório constituído pelas Missas de Réquiem.

De fato os compositores pareceram sempre fascinados por esse gênero musical não só pela beleza e a profundidade da liturgia que ele acompanha como também pela emocionante poesia do texto sagrado.

A diferença entre a Missa comum e a Missa de Réquiem é representada pela substituição do Glória e do Credo pelo Dies Irae, o qual acaba sempre tornando-se o enfoque central da composição. A segunda parte é constituída pelo Ofertório, o Sanctus, o Benedicto e o Agnus Dei que contém também o Lux Aeterna.

Nalguns casos como na Misas de Réquiem de Verdi que ouviremos daqui a pouco a partitura pode terminar com um amplo desenvolvimento do Libera me. Quanto ao Dies Irae, essa é uma antiquíssima sequência.

Como na Idade Média as imperfeições gráficas tornavam difícil a memorização confiada portanto à transmissão oral, e como a memorização de uma música com texto é mais fácil do que a de uma música sem texto, começou-se a criar textos para ajudar a memorização dos melismas, isto é, daqueles longos trechos em que o canto gregoriano abandona a letra e se esmera numa sequência de puros sons, o que se dá principalmente no Amen e no Aleluia.

As sequências foram tantas que a Igreja Católica se viu impelida a proibí-las, deixando sobreviver apenas sete, entre as quais a maravilhosa melodia do Dies Irae.

Na semana passada, quase a preparação do programa de hoje, ouvimos a Dança dos Mortos de Liszt que é uma série de variações sobre o tema do Dies Irae.

Para traçar um panorama de como a música interpretou a liturgia dos defuntos através de diferentes tempos e lugares, em vez de pôr no ar um único Requiem, preferi mostrar exemplos de vários deles.

E começaremos por uma obra maravilhosa, infelizmente pouco conhecida, que é a Missa de Réquiem de Cherubini admirada por muitos grandes do passado, tais como Weber, Wagner,

Rossini, Schubert e sobretudo por Beethoven que considerava Cherubini um dos maiores compositores do seu tempo.

Luigi Cherubini nasceu em Florença no ano de 1760 e morreu em Paris em 1842, ainda ativo no cargo de Diretor do conservatório parisiense, cargo que ocupou por vinte anos. Firmou-se inicialmente como excelente compositor de óperas sérias e cômicas, mantendo em pleno Romantismo a clássica austeridade de uma linguagem ilustre, que tinha ponto de contacto com as intenções renovadoras de Gluck.

Algumas de suas óperas vivem ainda hoje tais como aquela extraordinária *Medéia* que foi uma das maiores interpretações de Maria Callas. Mas numa certa altura prevalecendo nele o grande contrapontista, sentiu a necessidade de revitalizar a música sacra.

Passou por complicadas vicissitudes, principalmente pela perseguição de Napoleão Bonaparte que não lhe perdoava algumas passadas homenagens à realeza.

Inicialmente Luís XVIII, depois da Restauração, o incumbiu de escrever uma Missa de Réquiem em memória de Luís XVI, a cuja decapitação Cherubini havia assistido casualmente no meio da multidão.

Nasceu assim a Missa de Réquiem, pois que Cherubini embora não carola era profundamente religioso e grande estudioso da obra de Palestrina. Dessa missa vamos ouvir o Introito que liturgicamente cumula os textos do Réquiem e do Kyrie.

Observe-se como a entrada inicial depois repetida dos violoncelos e contrabaixos deva ter ficado no subconsciente de Verdi quando ele escreveu a grande ária de Felipe II em seu *Don Carlos*, que não deixa de ser uma ária fúnebre, a ária da morte do amor não correspondido.

Música: Réquiem de Cherubini, Introito. Orquestra e coro da Academia Nacional de Santa Cecilia, regente Carlo Maria Giulini.

Mas já no século XVIII uma Missa de Réquiem havia atingido alturas vertiginosas. É a Missa de Réquiem de Mozart. Apesar de alguns momentos em que parece sensível a presença do discípulo Süßmeyer algumas partes são o que de mais nobre e mais espiritual Mozart criou.

Esquecendo o encanto das lúgubres lendas totalmente falsas que surgiram em torno dessa obra, vamos ouvir alguns fragmentos a saber:

- a) Kyrie
- b) Tuba Mirum
- c) Rex Tremendae
- d) Recordare
- e) Confutatis
- f) Lacrimosa
- g) Domine Jesu
- h) Hostias
- i) Benedictus

j) Agnus Dei

Música: Fragmentos do Réquiem de Mozart, Orquestra e Coro de Atlanta, regência Robert Shaw.

Se o Réquiem de Mozart é íntimo, introspectivo e emocionalmente austero, o Réquiem de Hector Berlioz é justamente o contrário de tudo isto. Aqui Berlioz emprega toda a potência de uma enorme orquestra, chegando a usar nada menos que dezesseis tímpanos e dividindo portanto a orquestra em grupos com efeitos estereofônicos.

A respeito dessa obra há um divertido episódio que o próprio Berlioz relata em seu tratado sobre regência. A primeira execussão da obra fora regida pelo maestro francês, apesar do nome, Habeneck com quem Berlioz tinha evidentemente alguma rusga muito grave; e diz ele que Habeneck, num momento difícil da partitura e não sabendo como resolver um problema técnico de direção puxou do bolso da casaca a tabaqueira e começou a cheirar rapé, deixando que a orquestra se desmanchasse.

Mas vejamos como são as coisas desse mundo, pouco tempo depois Wagner em Paris ouviu a Nona de Beethoven regida por Habeneck e disse e escreveu que finalmente havia ouvido a Nona como ela deve ser interpretada.

Voltando a Berlioz, nesta como em todas as suas obras há fulgurações de gênio e banalidades. Justamente diz dele Schumann "não se sabe se ele deva ser definido um gênio ou um aventureiro musical: resplandece como um relâmpago mas deixa atrás de si um cheiro de enxôfre; traça grandes frases e verdades e logo cai num balbuciar de aluno".

Música: Rex Tremendae de Berlioz, orquestra e coro de Rochester, regente Theodore Hollenbach.

E chegamos a uma obra que eu pessoalmente amo sobremaneira e que várias vezes já regii aqui em Belo Horizonte: o Réquiem de Verdi.

Se o Réquiem de Mozart é Rafael, o de Verdi é Michelangelo. Na potência do Dies Irae eu enxergo o Cristo Pantocrato da Capela Sistina, como no Recordare enxergo o pranto das mulheres ao pé da cruz.

A história desse Réquiem é interessante. Quando faleceu Rossini Verdi, que era um homem profundamente afetivo e generoso, propôs que se compusesse uma Missa de Réquiem em memória de Rossini, confiando cada parte dela a um compositor diferente e reservando para si o Libera me.

Mas felizmente o projeto não vingou pela má vontade de alguns compositores e, quando mais tarde morreu Alessandro Manzoni, Verdi escreveu as outras partes da Missa e concebeu a obra toda em memória do grande romancista que ele venerava.

Desta Missa vamos ouvir quatro fragmentos do Dies Irae, isto é,:

- a) o Recordare
- b) o Ingemisco
- c) o Confutatis
- d) o Lacrimosa, e finalmente o Libera me.

Música: fragmentos do Réquiem de Verdi. Orquestra Revolucionária e Romântica com o Coro Monteverdi. Regente John Eliot Gardiner

Vamos encerrar a nossa celebração do dia dos defuntos com outra obra prima imperecível, isto é, o Réquiem Alemão de Brahms.

Note-se que aqui estamos completamente fora da liturgia católica e do relativo texto. Inclusive não é católico na destinação, mas protestante como Brahms era.

Aliás o próprio Brahms compilou uma coletânea de textos auferidos de diferentes fragmentos do Antigo e do Novo Testamento e também dos Evangelhos apócrifos e os traduziu para a língua alemã.

Por sinal ele o intitulou Eines Deutes Requiem, isto é, Um Réquiem Alemão entre os muitos possíveis.

A obra foi sugerida pela morte da mãe e estreada em Bremen em 1868.

É verdadeiramente uma contemplação dolorida mas composta da morte, uma íntima indagação em torno do destino humano e das supremas verdades.

Dessa obra vamos ouvir alguns fragmentos, isto é, o número dois "Denn Alles Fleisch".

O texto diz inicialmente "Porque toda carne é como erva e toda glória perece como flor da erva. Logo a erva é seca e a flor cai."

Música; Ein Deutes Requiem com a New Philharmonia Orchestra e coro, regência Lorin Maazel.

Terceiro fragmento do Réquiem alemão "Herr lehre doch mich. Diz o texto inicialmente "O Senhor faz com que eu conheça que a minha vida tenha um termo e uma finalidade e que eu dela deverei sair.

Música.

E finalmente o fragmento número quatro, "Wie lieblich sind deine Wohnungen, "O quão amáveis são as suas moradas, Senhor Deus dos Exércitos".

Música.

